

O HUMANISMO NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DA ENFERMAGEM: UMA ESPERANÇA TRANSFORMADORA

A profissão de enfermagem surgiu nos países latino-americanos como um ofício social que posteriormente se profissionalizou*. Foi na idade moderna ou pós-ninghtingaleana, cujo período inicial se remete ao século XX, quando, por meio de processos de institucionalização educativa, mudou-se a visão de ocupação para profissão. As particularidades que têm caracterizado a origem e o desenvolvimento da Enfermagem, há mais de um século, têm um estreito vínculo com as condições históricas, culturais, sociais, econômicas e políticas que acompanharam seu processo de constituição.

Neste contexto, é importante considerar que a formação do profissional de enfermagem, durante quase 70-80 anos do século passado, realizou-se diante de um modelo educativo profissionalizante francês, chamado de modelo napoleônico. Este modelo privilegiou a aquisição de conhecimentos e, principalmente, de habilidades para responder às necessidades de atenção à doença nos âmbitos hospitalares. Por outro lado, a assistência tem se caracterizado por apresentar três modelos de conhecimento: empírico-prático, prático-teórico e teórico-prático.¹

Complementarmente, o cuidado humanitário tem estado presente, principalmente relacionado a diversos atos de religiosidade, caridade, ajuda ao próximo, sentimentos de propósito e capacidade, preocupação pelos outros, participação, compromisso e motivação. Características estas que usualmente são atribuídas à vocação, ou seja, à aceitação de normas e modelos apropriados, à ideia de identificação com seus pares e à ideia de coletividade.

A noção de serviço do profissional de enfermagem tem se modificado, principalmente se considerarmos a filosofia herdada do século XIX, quando a prestação do cuidado estava associada a fins caritativos e de autossacrifício. Sendo assim, os enfermeiros procuravam salvar sua própria alma, salvando a alma dos doentes por meio do cuidado do corpo. Neste processo, os profissionais procuravam integrar a mística católica do cuidado caritativo aos pobres e deficientes físicos com a ética protestante do ascetismo e do trabalho como virtude e fonte de satisfação pessoal. Neste sentido, a mística da profissão geralmente se encontra apoiada em um código de ética, o qual constitui um dos elementos mais importantes da profissão e se converte em um mecanismo de autocontrole profissional.

Ao longo de mais de um século, as enfermeiras e enfermeiros latino-americanos têm transitado por diferentes caminhos na busca de um posicionamento no âmbito profissional, laboral e social. Nesse percurso, incrementaram os conhecimentos teóricos e disciplinares, validados pela obtenção de graus acadêmicos; envolveram-se, de maneira formal e sistemática, na investigação; intensificaram o uso de tecnologias da informação e ampliaram os processos de acreditação, certificação e avaliação de conhecimentos, habilidades, processos e resultados, individuais e coletivos, produto de um sistema econômico de corte neoliberal, o qual privilegia o estreitamento com o Estado e favorece a iniciativa privada. Torna-se evidente que, com isto, foram obtidos resultados exponenciais no avanço da profissão, porém, parece que a essência da Enfermagem, isto é, o cuidar com humanismo foi postergada.

Existem, pelo menos, duas grandes evidências que justificam esta afirmação. Em primeiro lugar, a opinião cada vez mais frequente dos usuários dos serviços profissionais de enfermagem, da família e da sociedade em seu conjunto, os quais manifestam um trato mecânico, despersonalizado e com ausência de empatia pessoal e profissional, diante de uma pessoa que se encontra em uma situação de vulnerabilidade de saúde. Em seguida, a preocupação de especialistas na profissão, que estão voltando seu olhar para aspectos éticos e estéticos, imprescindíveis no acompanhamento integral de uma pessoa que requer de um cuidado terapêutico e acompanhamento holístico. Estes profissionais insistem em realizar funções

* Compreende-se por profissionalização o processo que estabelece alguns critérios na formação e desempenho de uma ocupação ou profissão, cuja finalidade primordial é incrementar o *status* e prestígio social, tanto da profissão quanto daqueles que a exercem.

e ações que favoreçam e posicionem a profissão de enfermagem, outorgando visibilidade e impacto na contribuição, compromisso e responsabilidade cidadã, profissional e social.

Atualmente, as condições sociais e profissionais podem ser adequadas para refletir sobre o ser, saber e fazer de Enfermagem. No século XXI parece que temos construído uma identidade individual, mas me questiono onde estão nossas raízes, nossa identidade coletiva, nossa cidadania e o nosso compromisso social? Se estas perguntas nos parecem supérfluas, seria pertinente refletirmos sobre como objetivamos essa identidade profissional? Os cenários educativos e assistenciais se encontram matizados por um individualismo e uma concorrência que fere o tecido profissional, em termos identitários e colegiados. O que se está gerando é uma crise, a qual poderia ser superada diante da transição de uma globalização competitiva para uma globalização colaborativa. Com este olhar, faz-se necessário transformar a educação e a prática profissional de enfermagem, cujo núcleo e essência sejam o humanismo, o que não exclui os conhecimentos epistemológicos, técnicos, empíricos, científicos, éticos, estéticos e tecnológicos.

O humanismo em enfermagem, pode ser compreendido de forma simples como o ato de entender e tratar o ser humano como uma pessoa; dito de outra forma, “tratar ao outro como gostarias de ser tratado”. Sob esta ótica, é preciso lembrar que quando decidimos ser enfermeiras(os), quase sempre pensamos em ajudar, cuidar e acompanhar o próximo. Assim, o humanismo é inerente à nossa pessoa, nossa carreira nasce da pessoa que somos. Esta reflexão não tem a pretensão de fazer uma ampla argumentação teórica sobre o humanismo, mas busca retornar à simplicidade, ao trato cotidiano e ao estar no mundo para crescer profissionalmente, como uma tarefa coletiva de sensibilidade e eufemismo de “pensar com o coração e sentir com o intelecto”.

É necessário iniciar uma revolução pessoal, desaprender para reaprender, reconhecer que quanto maior o conhecimento, maior o humanismo; ter presente que o importante para o paciente ou usuário é contar com um entorno afetivo, estar rodeado das pessoas que o amam, ter liberdade que lhe permita possuir capacidade de decisão; estar confortável física e mentalmente e encontrar-se em um entorno estimulante para os sentidos. Jean Watson afirma que “quando uma enfermeira(o) entra no quarto de um paciente, cria-se um campo magnético de esperança”.^{2,7}

É preciso utilizar o tempo do cuidado para estabelecer contato e comunicação, escutar suas dúvidas, observar sempre o não verbal, ter uma comunicação honesta; propiciar as técnicas positivas diante de um sorriso, contato visual, tocar o braço, o ombro ou a mão; ter vontade de explicar e escutar ativamente e/ou em silêncio. A comunicação deve ser com empatia, respeito, autenticidade, ou seja, humanizar o encontro; escutar ao outro com a alma, o coração e o corpo. Amar nossa profissão implica amor e atitude pelo serviço, empoderamento, acompanhamento da equipe de saúde e converter-nos em exemplos. Neste reencontro com nós mesmos, com a profissão e com a sociedade, devem-se desenvolver e fomentar evidência de sucesso, favorecer a vinculação permanente entre a docência e a assistência.

Sempre é tempo de criar e recriar uma enfermagem visível, empoderada, solidária e com alto sentido humanístico e social. A esperança transformadora, crítica e não catatônica, permitirá construirmos, juntos, uma melhor enfermagem da que encontramos atualmente.

REFERÊNCIAS

1. Cárdenas-Becerril L. La profesionalización de Enfermería en México: un análisis desde la sociología de las profesiones. Barcelona (ES): Pomares; 2005, p. 120-48.
2. Watson J. Nursing: the philosophy and science of caring. Boulder (US): University Press of Colorado; 2008.

Lucila Cárdenas Becerril

Enfermeira. Doutora em Educação. Professora-Pesquisadora da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Autónoma do Estado de México. Integrante do Sistema Nacional de Pesquisadores nível 1, do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do México. Coordenadora da região México e Caribe da Rede Ibero-americana de Investigação em Educação em Enfermagem